

Francisco Camacho

A ÚLTIMA CANÇÃO DA NOITE

romance



Jack voltou a acordar com o coração a rebentar-lhe no peito e o eco prolongado da rajada de metralhadora. Como sempre acontecia quando tinha aquele sonho, demorou alguns segundos até perceber onde estava; uns segundos demasiado longos, e mais dolorosos do que o próprio pesadelo, tempo suficiente para permanecer preso à expressão impassível do rapaz entre o momento em que deixara cair a ponta do cigarro na berma da estrada, apagando-a lentamente com a biqueira da bota, e aquele em que passara as costas da mão pela barba mal semeada, para logo de seguida agarrar na metralhadora e vomitar uma tempestade de munições sobre o automóvel parado diante deles.

Sentou-se na beira da cama e, ainda meio atordoado, olhou para a janela e reparou que o dia começava a cair. Já não estava lá. Estava na *suite* presidencial do melhor hotel de Cluj, a capital da Transilvânia – e esse simples pensamento afastou a angústia que sobrara do sonho, dando-lhe algum alento para se pôr de pé. Não tinha vontade de sair do quarto, mas os outros esperavam-no para o último ensaio.

Já o concerto terminara quando, por volta da meia-noite, de regresso ao hotel, Bongo, Pablo e Craig mandaram vir comida e álcool que dariam para dez ou doze pessoas, embora não espe-

rassem convidados e tivessem proibido a entrada na *suite* a todos os membros da comitiva, à exceção de Avril. Tencionavam comer e beber até de manhã.

Embalados pelo simbolismo do momento, uma quadra natalícia passada longe de casa, a neve a cair por detrás das janelas com reposteiros de veludo, puseram-se a recordar, com um empenho de memória e sentido de pormenor nunca antes partilhados, todos os passos que os tinham conduzido até àquele lugar, onde uma estranha sensação de vazio contaminava o luxo e revestia de vulgaridade cada elemento do cenário – dos quadros emoldurados por talha dourada aos grossos tapetes orientais, da lareira de mármore à mesa de jantar, que era comprida como um corredor e estava coberta de garrafas de vinho e champanhe, travessas de carne, marisco, saladas, queijos, doces e tudo o que lhes viera à cabeça diante de Avril e do seu paciente bloco de apontamentos.

O mundo, agora que o tinham conquistado, nunca lhes parecera tão triste e desinteressante. Era como se aquele nome, The Bitters, escolhido entre gargalhadas num serão distante em casa de Craig Clarke, quando *Back in the U.S.S.R.*, dos Beatles, começara a tocar na aparelhagem, os tivesse atraído e se revelasse agora, tarde demais, um baptismo premonitório.

Algumas horas antes, numa sala de espectáculos que escorria suor das paredes, um coro de milhares de vozes implorara-lhes que regressassem ao palco. A súplica durara uma eternidade.

*O concerto correu tão bem, voltem, eles merecem.* Avril cumpria o seu papel de *manager* sem qualquer esperança de que os músicos lhe dessem ouvidos. O êxtase da multidão parecia-lhes insuportável. Quanto mais o público gritava lá fora, mais os quatro homens se resignavam no camarim.

*Calem-se, porra, calem-se,* murmurava Craig, enquanto andava de um lado para o outro, fumando com a avidez de um louco. Pablo Diaz pusera-se a um canto da sala a gritar ao telefone, tentando elevar a voz acima do rugido do público e descarre-

gando a frustração sobre quem quer que estivesse do lado de lá da linha. Ao fundo da sala, Bongo Steed atirava setas a um alvo com uma firmeza exagerada, fazendo acompanhar cada lançamento de um grunhido.

O mais tranquilo, apesar de tudo, era Jack Novak. Sentara-se numa cadeira de costas altas em posição de *cowboy* e pousara o queixo almofadado pela barba de profeta no cimo do espaldar, fitando-os em silêncio com aquele olhar estranho a que ninguém se habituara ainda.

Tentou convencer-se de que já não era Craig, nem Pablo, nem Bongo que ali estava. Talvez Bongo fosse o mesmo, sim, mas no conjunto já não eram os homens com quem tinha partilhado um sonho, ultrapassado largamente as expectativas que se projectavam nesse sonho e construído os melhores anos da sua vida – a vida que passara e, certamente, aquela que estaria para vir.

Três estranhos. Foi assim que os viu naqueles instantes e, de algum modo, sentiu-se vingado. Afinal, achavam que ele enlouquecera, ou não era isso que diziam os seus olhares de condescendência, de apreensão, de raiva?

Ainda temeu sucumbir à memória dos primeiros concertos, dos tempos em que a agitação da plateia a reclamar um *encore* lhe provocava um entusiasmo semelhante ao de quando era pequeno e esperava dentro do avião, com os reactores a zumbirem e os passageiros num burburinho, pelo coice da descolagem de um voo para Lisboa ou Londres. Lembrou-se, como se tivesse sido atacado pelas costas, da excitação dos companheiros à saída do camarim, os três sempre mais ansiosos do que ele, a chamarem-no para voltar ao palco pela segunda ou terceira ou quarta vez no mesmo concerto. Era curioso como, de certa forma, tudo parecia igual naquela noite: o camarim cheio de fumo, as constantes entradas e saídas de Avril, o público lá fora a agitar-se como um ser vivo gigantesco.

Imaginou-se a levantar-se da cadeira e a apelar à entrega de todos, pedindo-lhes que fizessem um último esforço em nome de uma coisa qualquer que era incapaz de nomear – e era esse o maior problema. Seria a banda? Os bons velhos tempos? Jamais diria um disparate desses. Nunca se considerara um lírico. Chamavam-lhe poeta, sim, mas era apenas um homem que gostava de palavras e, além do mais, tinha a noção do ridículo.

Depois pensou: *Tu é que tens andado a provocar isto tudo. És incorrigível.*

Chevava de negar as evidências. Ele que escutasse bem: o barulho da plateia era apenas um som ensurdecedor que ameaçava arrombar a porta, fazia estremecer o chão e vibrar o contraplacado das paredes daquele pardieiro a que a organização do espectáculo chamava camarim. Talvez o camarim não fosse assim tão mau. Até esse julgamento era mais um indício de que já não adiantava fazer nada, nenhum esforço.

E aquele coro: *Bitters, Bitters, Bitters*. Que raio de nome. Que ironia. O que ouvia não eram gritos de veneração, mas urros de uma turba à espera de os linchar.

Apetecia-lhe fugir – tanto quanto aos outros, suspeitava, com a diferença de que aos outros faltava coragem e ele já se convencera de que nada tinha a perder. Continuavam ali os quatro porque nenhum conseguia assumir a responsabilidade de se levantar e ir embora e todos sabiam que dessa primeira desistência haveria de nascer uma ruptura irreversível. Os outros esperavam esse impulso de Jack, essa culpa, só que ele não lhes faria a vontade. Nada disso. Avril que decidisse o momento certo de abrir a porta do camarim e lhes dizer para recolherem ao hotel. Era para isso que lhe pagavam.

Nessa noite, pela primeira vez em mais de quinhentos concertos, os Bitters não regressaram ao palco. Limitaram-se a esperar, sacudidos pelo tremor de terra fabricado pela multidão, que o público se cansasse de chamar por eles. Deixaram que os aplausos esmorecessem, que as palmas dessem lugar às vaias, as vaias

aos insultos e os insultos a um silêncio de morte – pois era de morte que se tratava, uma morte que não se podia confirmar mas já se anunciava.

Quando Avril abriu a porta e entrou no camarim pela quarta vez nessa noite, aos músicos já só chegou o ruído indistinto da brigada de limpeza que percorria a sala de espetáculos com pás, vassouras e sacos de lixo. Pablo abandonara o telefone no chão a piscar uma chamada ignorada, Bongo largara as setas e Craig tinha um cigarro com demasiada cinza a pender-lhe dos dedos: os três enterrados no sofá, lado a lado, como crianças de castigo, o olhar perdido de quem acaba de ouvir uma má notícia.

«Rapazes, estão bem?»

Avril não percebeu logo o que se passava. Depois verificou que Jack Novak já não se encontrava entre eles.

Estavam sentados à mesa da sala de jantar quando, algumas horas depois, ele apareceu na *suite* presidencial. Parecia tão alheado como nas últimas semanas.

«Onde andaste?», perguntou-lhe Bongo.

Jack atirou o casaco para um canto e sentou-se à cabeceira com aquele sorriso que continuava a ser um mistério para todos. Ninguém o conseguia decifrar.

«Por aí. Mas não se passa grande coisa numa antevéspera de Natal em Cluj e está demasiado frio para andar a pé. Não vi nada aberto. Estou cheio de fome.»

Pablo levantou a voz:

«Pões-te a dar voltas às tantas da manhã numa cidade que não conheces?»

«Está tudo bem», respondeu-lhe Jack enquanto se servia.

«Não és um gajo qualquer. Não podes passear na rua às tantas da manhã em sítios esquisitos. Põe isso na cabeça de uma vez por todas. Tens responsabilidades. És uma estrela. Quer queiras, quer não, é o que és: uma merda de uma estrela. A estrela. És o

maior, estás contente? Mas sabes que mais? Às vezes, pareces um atrasado mental.»

Jack encheu o copo de vinho. Bebeu-o de uma vez e voltou a enchê-lo.

«Sou um gajo qualquer, sim. Acabei de decidir isso mesmo, que sou um gajo qualquer. E o que é que a Roménia tem de esquisito? Ah, já sei, é a Transilvânia que te assusta. Mas vou dar-te uma novidade: o Drácula não existe, meu. O Bram Stoker enganou-te.»

«És um cabrão.»

Jack fez uma careta:

«No mínimo, Pablo, devias fazer de conta de que a aventura, o desconhecido, os lugares novos, tudo isso são coisas que te interessam. Uau, percebes? Uaaau! Não há lugar para meninas de coro numa banda de *rock'n'roll*, para palermas que andam a saltitar de hotel em hotel com medo das pessoas normais. Bom, eu sei: és apenas o gajo dos sintetizadores, e se calhar nem devia haver lugar para sintetizadores no *rock'n'roll*. Concedo, Pablo. Talvez o teu lugar não seja aqui. Problema teu. Mas lá porque te enfiás sempre no fundo do palco, pedes que não te apontem os holofotes e tocas de óculos escuros, isso não implica que eu também tenha de me esconder de toda a gente e que não possa andar a pé por onde bem me apetece.»

Pablo entrou na casa de banho e bateu com a porta.

«Estávamos preocupados», disse Bongo. «Pensávamos que já não voltavas.»

«E então esta comida toda era para vos acalmar os nervos? Faz sentido.»

Craig encheu o prato.

«Tínhamos pensado em conversar um bocado esta noite», disse. «Vamos fazer uma pausa nos concertos e acho que temos de acertar umas coisas. Também me apetece mandar tudo para o inferno e, no entanto, estou aqui cheio de paciência para esta merda toda. Eu não estou sozinho, nem tu. Somos quatro e é

assim que temos de pensar. Ainda bem que te foste embora há bocado. Quando te vimos sair do camarim, achámos que não era possível adiar mais esta conversa. Consegues perceber? Isto não correu nada bem hoje, como já não tinha corrido em Varsóvia, nem em Praga, nem em Bratislava, e sei lá mais onde.»

«Não ouviste o público a chamar por nós? Foi um belo concerto.»

«Nós nem voltámos ao palco, Jack. E, ultimamente, quando voltamos é só uma vez. Fazemos o que temos a fazer e, pronto, já está. Isso não somos nós. Não são os Bitters. Não é isso que as pessoas esperam de nós.»

«Então, o que é que as pessoas esperam?»

«Consegues sempre desviar o assunto, mas desta vez não vou cair na armadilha de responder às tuas perguntas. Isto está pior do que nunca. Tu estás pior do que nunca. Mas vê lá se atinas de uma vez por todas. E tens uma boa razão para atinar. Vêm aí os concertos da Croácia, estamos quase a chegar a Zagreb, portanto, vê lá se não fazes má figura na terra dos teus antepassados, ó croata.»

«Não sou croata. O meu pai, sim, era-o.»

«Isso não me interessa para nada. O que interessa é que há muito tempo que isto não corre bem. E tem piorado nas últimas semanas. Não nos estamos a entender e precisamos de fazer alguma coisa.»

«Porque é que não correm comigo?»

Craig desviou o prato e debruçou-se sobre a mesa, esforçando-se por suavizar o tom de voz.

«Porque isto não é a merda da guerra dos Balcãs.»

«Não fales do que não sabes.»

«Falo, pois. E o que te estou a dizer é que não somos nós de um lado e tu do outro. Estamos todos do mesmo lado. Há contratos para cumprir e a Avril está aflita.»

«Não deve ser nada fácil tomar conta de quatro imbecis como nós, mas está aflita porquê?»



De volta à mesa, Pablo bateu com os talheres no prato mal se sentou.

«Porque teme que falhemos a qualquer momento, e tem toda a razão», explicou. «Já cancelámos concertos por tua causa e perdemos uma data de massa. Tu andas esquisito. Não falas com ninguém. Antes era a coca que te punha doido, mas agora, que estás limpo, parece que perdeste o juízo de vez. Voltaste a dar entrevistas a dizer que viste extraterrestres no Utah e que, se calhar, vais partir com eles para o espaço porque não foste destinado para esta vida de músico, e queres o quê?! Que achemos tudo normal? Nem nós estamos nos *sixties*, nem tu és dos Jefferson Airplane. Isto é a merda do século XXI!»

Bongo foi sentar-se mais perto de Jack.

«Eles têm razão», disse.

«Ah sim? Talvez me saibas explicar o que raio estão a dizer. Ao contrário destes gajos, suponho que és meu amigo.»

«Somos todos, Jack. Mas é difícil comunicar contigo. Não andas bem. Parece que já não vives neste mundo.»

«Já te contei a história do Jim Sullivan?»

«Sim, Jack, umas vinte vezes. E deste-me o disco dele. É um grande disco...»

«*U.F.O.*»

«Oh, não», murmurou Pablo.

«Calma», respondeu Jack. «É o disco do Jim Sullivan. Chama-se *U.F.O.*»

Bongo respirou fundo.

«Por favor, não estejas sempre a voltar aos extraterrestres, aos discos voadores, ao pobre do Jim Sullivan», pediu.

«Porque é que não me deixam em paz com os meus discos voadores? Podiam era dizer ali ao Pablo que, ao contrário dos extraterrestres, os vampiros não existem de certeza absoluta, e que um gajo pode andar à vontade aqui pela Transilvânia sem temer que lhe chupem a carótida na primeira esquina. Ele que vá dar uma voltinha. Fazia-lhe bem apanhar o ar frio da noite.»

«Até já nem eu te consigo ouvir», disse Bongo.

«Estou a tocar assim tão mal?»

«Não, Jack, não é nada disso. És um grande guitarrista. Ainda hoje estiveste fabuloso, insuperável. O público estava eufórico. Mas isso tu sabes, porra.»

«Então qual é o problema?»

«O problema és tu», disse Craig. «Estás diferente de há uns tempos para cá. Percebo que isto tenha perdido um bocado da piada dos primeiros tempos, mas o *Aluminum* continua a vender às toneladas, chovem propostas para tocarmos no mundo inteiro, temos dinheiro, ganhámos a nossa independência, ninguém nos chateia, continuamos a fazer a música que queremos...»

«A música que ele quer», corrigiu Pablo apontando para Jack. «E, se não temos cuidado, qualquer dia estamos a tocar canções sobre marcianos, o mistério de Roswell, a Area 51, o Spock, eu sei lá.»

«Nessa altura é que os efeitos especiais dos teus sintetizadores vão servir para alguma coisa», riu-se Jack.

«Estás a passar um mau bocado», continuou Craig, «mas tens de deixar que te ajudem. Conheço bons médicos.»

«Estou em forma. Vocês é que me parecem muito angustiados.»

«Então, se o problema é nosso, diz-nos o que fazer», pediu Bongo.

Jack abanou a cabeça:

«Por mim, nada. E daí, não sei. Talvez pudessem dar-me algum tempo. Bongo, passa-me aí o vinho.»

Pablo e Craig levantaram-se, deixando cair ao mesmo tempo os cadeirões, como se tivessem ensaiado. Jack nem estremeceu com o estrondo. Esperou que se sentassem novamente, enfiou na boca uma garfada de puré de batata, descaiu a cabeça para o lado e fez um ar desinteressado:

«Não sabia que se comia tão bem na Roménia.»

«Estamos em *tournée* e tu queres tempo?», protestou Pablo.  
«Tempo, como? E quanto tempo? Quando?»

Jack não respondeu. Bongo interveio:

«Ouve, Jack, a digressão está quase a chegar ao fim. Voltamos para casa no último dia do ano, a tempo de despejar umas garrafas de champanhe com os amigos, depois descansamos o que for preciso e falamos com calma lá em Londres. Que dizes?»

«Vai ser duro, cinco concertos de uma penada, mas depois acabou-se e vamos todos para casa», reforçou Craig.

Jack espreguiçou-se e suspirou:

«Não sei se chego ao fim. Logo se vê.»

Craig levou as mãos à cabeça e Pablo deu um pontapé numa cadeira, resmungando qualquer coisa em castelhano. Instalaram-se os dois na outra ponta da mesa, como se quisessem manter uma distância de segurança. Bongo fez-lhes sinal para se acalmarem. Abriu outra garrafa de vinho, levantou-se e percorreu a mesa para encher os copos de todos, parando ao lado de Pablo e Craig. E, então, com os olhos brilhantes, anunciou:

«Jack, há uma coisa que se calhar precisas de ouvir. Sei que falo também por eles dois. Por vezes não dizemos o óbvio, mas o óbvio também tem de ser dito. E o que acho que precisas de ouvir é que nenhum de nós, nem ninguém no mundo, duvida de que sejas tu a alma dos Bitters.»

«Não vás por aí», aconselhou Pablo. «Não lhe afagues o ego.»

Jack recuperou o sorriso estranho:

«Alma é uma palavra que não devias pronunciar diante destes dois, Bongo, senão ainda te confundem com um louco como eu. Não, não sou alma de coisa nenhuma. Sou apenas a merda de um compositor, um guitarrista.»

«Alma, sim. Vais-te embora e os Bitters acabam no mesmo instante. Nenhum de nós é tão importante como tu nesta banda. Até o Craig sabe que é assim. Não sabes, Craig?»

O vocalista abriu os braços e, como se a pergunta não fosse para ele, olhou para Pablo.

«Faz-me um favor», pediu Jack. «Não me dê essa importância toda, detesto que me pressionem. Alguma importância hei-de ter, nem que seja porque escrevo todas as putas das canções desta banda. O problema é que nem sempre tenho paciência para andar convosco ao colo.»

«Ao colo?» Bongo estava indignado.

«Fica tranquilo», murmurou Jack.

Pablo abanou a cabeça, inalando o fumo do cigarro:

«Tens lido os jornais, ido à Internet, ouvido a Avril? Fazes ideia do que dizem de nós lá fora? Dizem que somos os melhores, Jack. Os melhores. Pensa nisso. Tinhas este sonho e o sonho que tinhas concretizou-se. Então qual é o teu problema? Há o peso da responsabilidade, que é tremendo, eu sei, mas temos de aguentar. Temos de aguentar todos juntos.»

De repente, Jack ficou paralisado. Desviou os olhos da mesa e pousou-os num objecto que só ele parecia ver, como se tivesse ouvido um ruído suspeito e quisesse deslindar a sua proveniência. Os outros ficaram a olhar para ele, expectantes. Até que Pablo arriscou:

«Disse alguma coisa para ficares assim?»

«Essa conversa eu gostava de ter», sussurrou Jack.

«Qual conversa?»

Sem tirar os olhos do vazio, Jack prosseguiu num tom neutro:

«Que termos chegado aqui era o meu sonho. Não é verdade. Não te estou a chamar mentiroso, Pablo, mas simplesmente não é verdade. Os meus planos não eram estes. Algum de vocês me quer ouvir?»

«Claro», disse Bongo.

«Então diz à Avril para vir ter connosco.»

Pablo e Craig entreolharam-se. Não sabiam o que pensar, o que responder. Se o queriam ouvir? Não queriam outra coisa, desde que Jack falasse, por uma vez, a sério. Mal Bongo desligou o telefone e anunciou que Avril vinha a caminho, saíram dos seus lugares e aproximaram-se de Jack, demonstrando assim o quanto